

Razão prática em Anscombe:  
uma introdução à *Intenção*



Anderson Luis Nakano



ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA  
São Paulo, 2024

ASSOCIAÇÃO FILOSÓFICA SCIENTIÆ STUDIA

DIRETORIA EDITORIAL

Pablo Rubén Mariconda (USP-Br)

VICE-DIRETORIA EDITORIAL

Plínio Junqueira Smith (Unifesp-Br)

Sylvia Gemignani Garcia (USP-Br)

CONSELHO EDITORIAL

Antonio Augusto Passos Videira (UFRJ-Br)

Eduardo Alejandro Barrio (UBA-Ar)

Eleonora Orlando (UBA-Ar)

Gustavo Andrés Caponi (UFSC-Br)

Hugh Lacey (Swarthmore College-EUA)

Ivan Domingues (UFMG-Br)

Jelson Oliveira (PUCPR-Br)

João Príncipe (UE-Pt)

Jose Diez (UB-Esp)

José Luís Garcia (UL-Pt)

Leopoldo Waizbord (USP-Br)

Luciana Zaterka (UFABC-Br)

Marco Antonio de Ávila Zingano (USP-Br)

Marcos Barbosa de Oliveira (USP-Br)

Maria Cecília Leonel Gomes dos Reis (UFABC-Br)

Olival Freire (UFBA-Br)

Oswaldo Pessoa Junior (USP-Br)

Pablo Lorenzano (UNQ-Ar)

Patrícia Kauark (UFMG-Br)

Paulo Faria (UFRS-Br)

Roberto Bolzani Filho (USP-Br)

Silvia Alejandra Manzo (UNLP-Ar)

Silvio Seno Chibeni (Unicamp-Br)

Vicente Sanfélix-Vidarte (UV-Esp)

**[www.scientiaestudia.org.br/editora](http://www.scientiaestudia.org.br/editora)**

**COPYRIGHT © Associação Filosófica Scientiae Studia, 2024**

DIREÇÃO EDITORIAL: Pablo Rubén Mariconda

DESIGN EDITORIAL E CAPA: Leticia Freire

REVISÃO: Plínio Junqueira Smith

**COLEÇÃO EPISTEMOLOGIA E FILOSOFIA ANALÍTICA**

EDITORES: Anderson Luis Nakano

Edelcio Gonçalves de Souza

Plínio Junqueira Smith

Renato Kinouchi

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

Nakano, Anderson Luis  
Razão prática em anscombe : uma introdução à  
intenção / Anderson Luis Nakano. -- 1. ed. --  
São Paulo : Scientiae Studia, 2024. -- (Coleção  
epistemologia e filosofia analítica)

Bibliografia.  
ISBN 978-65-86595-18-5

1. Epistemologia 2. Filosofia 3. Intencionalidade  
(Filosofia) I. Título II. Série.

24-225059

CDD-100

**Índices para catálogo sistemático:**

1. Filosofia 100

Aline Grazielle Benitez - Bibliotecária - CRB-1/3129



Associação Filosófica *Scientiae Studia*

Rua Doutor Cícero de Alencar, 131

05580-080 – São Paulo, SP

[www.scientiaestudia.org.br](http://www.scientiaestudia.org.br)

À Laura e ao Samuel

Em vez de conjecturas e explicações turbulentas,  
queremos a apuração serena de fatos linguísticos.

Wittgenstein, *The big typescript*

É extremamente difícil navegar, aqui, pelo canal estreito:  
evitar as falsidades do idealismo [linguístico] e as tolices  
do realismo empirista.

Anscombe, “The question of linguistic idealism”

# SUMÁRIO

PREFÁCIO .	11
INTRODUÇÃO .	21
CAPÍTULO 1 Da ética à filosofia da psicologia .	27
1.1 A oposição ao diploma honorário de Truman .	27
1.2 A corrupção do pensamento não católico .	31
1.3 A corrupção do pensamento católico .	40
1.4 Na direção de uma adequada filosofia da psicologia .	44
1.5 Primeiro exemplo: propriocepção .	56
1.6 Segundo exemplo: causalidade mental .	61
1.7 Taxonomia das noções epistêmicas .	66
CAPÍTULO 2 A análise do conceito de intenção e as condições de inteligibilidade da razão prática .	71
2.1 Um primeiro antídoto ao abuso do princípio do duplo efeito .	72
2.2 A unidade do conceito de intenção .	74
2.3 Descrição da estrutura da obra e de seus movimentos argumentativos .	77
2.3.1 Introdução da noção de intenção sob três rubricas (§1) .	78
2.3.2 Análise preliminar da expressão de intenção (§2-3) .	78
2.3.3 Análise da ação intencional (§4-21) .	81
2.3.4 Análise da intenção ao agir (§22-27) .	86
2.3.5 Introdução da dificuldade resultante das análises anteriores e indicação da solução (§28-32) .	88

- 2.3.6 Investigação da noção de raciocínio prático (§33-41) • 92
- 2.3.7 Superação da dificuldade anterior e encerramento da análise da ação intencional e da intenção ao agir (§42-49) • 96
- 2.3.8 Retorno à análise das expressões de intenção (§50-52) • 99
- 2.4 As condições de inteligibilidade da razão prática • 100
  - 2.4.1 “se isso [acontecesse] (...), então a comunicação entre nós estaria severamente comprometida” • 105
  - 2.4.2 “Dizer ‘eu meramente quero isso’, sem nenhuma caracterização, é despojar a palavra de sentido” • 107
  - 2.4.3 “Respostas como ‘por nenhuma razão em particular’, ‘só pensei em fazer’ e assim por diante são (...) algumas vezes ininteligíveis” • 108
  - 2.4.4 “se digo: ‘não, concordo plenamente, não tem como alguém que está no sótão pegar a câmera mas, mesmo assim, vou subir as escadas para pegá-la’, começo então a ficar ininteligível” • 111
- CAPÍTULO 3 A autoridade da primeira pessoa no interior de seus limites • 115
  - 3.1 Reconsideração da concepção mentalista da intenção • 116
  - 3.2 Compatibilidade e incompatibilidade de atribuições de raciocínios práticos • 119

- 3.3 A alegação de que um raciocínio prático não pode ser verdadeiramente atribuído em virtude de outro raciocínio prático compatível dever ser atribuído . 122
- 3.4 O controle da sinceridade do agente e seus limites . 126
- 3.5 A crítica à intenção como ato interior . 129
- 3.6 A crítica à intenção como estado interno . 132

## ANEXO

- Elizabeth Anscombe. Eventos na mente (1963) . 143
- 1 Problemática principal . 143
- 2 Histórico . 149
- 3 Tentativa de uma solução-mestra . 152

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS . 159

ÍNDICE DE TERMOS . 163

ÍNDICE DE NOMES . 167



## PREFÁCIO

Gertrude Elizabeth Margaret Anscombe nasceu em 1919 (Limerick, Cambridge) em uma família anglicana de classe média e frequentou a Sydenham High School, em Londres. Ela ingressou na Universidade de Oxford, St. Hugh's College, em 1937, quando o ingresso na universidade provavelmente era extremamente competitivo, pois, por mais que tivesse começado a aceitar mulheres em 1920, as vagas na universidade eram bastante limitadas para mulheres. Anscombe estudou Letras Clássicas (conhecido como *Mods and Greats*), um dos cursos mais prestigiosos da Universidade de Oxford e no qual ela pôde estudar filosofia, área pela qual se interessava desde a adolescência.

No seu primeiro ano na universidade, Anscombe realizou seu desejo de anos de converter-se ao catolicismo, muito a contragosto de seus pais anglicanos. Na época da conversão da jovem Anscombe, o catolicismo ainda era visto com muito preconceito e a maioria dos ingleses professava a religião anglicana, tradicional na Inglaterra. No final da graduação, Anscombe se casou com o também filósofo e também católico Peter Geach, com quem teve sete filhos, porém nunca abandonou o seu nome de solteira. Enquanto ela seguiu para a pós-graduação, grávida e com uma bolsa de estudos que não era suficiente para as despesas, Geach seguiu para os esforços de guerra. Foi durante esse período que Anscombe frequentou o curso de Ludwig Wittgenstein, na Universidade de Cambridge.

O intenso interesse de ambos pela filosofia os aproximou e, ao longo das discussões, tornaram-se amigos. O contato com as ideias de Wittgenstein foi importante para uma guinada na maneira pela qual Anscombe passou a enfrentar as questões filosóficas que a inquietavam. Em uma contribuição significativa para a filosofia, devemos a ela a primorosa tradução das *Investigações filosóficas* que resultou da publicação dessa obra de Wittgenstein. É possível ver a influência dessa interação filosófica no engenhoso método que ela desenvolveu no seu livro *Intenção*, de 1957. Em 1970, após a morte de Wittgenstein, Anscombe assume a cátedra que pertencia ao grande filósofo em Cambridge.

É importante notar, contudo, que Anscombe era uma pensadora independente, bastante crítica e que desenvolveu ideias originais. Além disso, ela também desfrutou da interação com outras filósofas, importantes em sua trajetória. Na época da sua graduação, estudavam na mesma universidade Philippa Foot, Iris Murdoch e Mary Midgley. As filósofas se tornaram amigas e reuniam-se para discutir questões filosóficas. Elas se apoiavam mutuamente em suas críticas à abordagem em voga da filosofia da linguagem e à ética “de Oxford”, que consideravam insuficiente para lidar com os problemas éticos contemporâneos, especialmente no pós-guerra.

Logo antes da Segunda Guerra e durante o início da formação de Anscombe, a filosofia da linguagem estava em ascensão na Inglaterra, devido à influência do *Tractatus* de Wittgenstein e das propostas do Círculo

de Viena. As discussões sobre metafísica e ética dos professores mais antigos da Universidade de Oxford caíram de moda e tudo indicava que as discussões metafísicas seriam suplantadas por novas questões sobre a linguagem, como “o que significa?”, visando questionar alguma proposição filosoficamente aceita. Até mesmo a ética passou a ser tratada como mera expressão subjetiva, considerando-se que afirmações sobre a moral não podem ser verificadas, como exige, por exemplo, a proposta de Alfred J. Ayer para conferir sentido a uma proposição.

Com a convocação dos homens jovens para a guerra, as estudantes mulheres se tornaram maioria e estudaram com os professores que não haviam sido convocados, muitos por conta da idade, e com os professores estrangeiros, refugiados da guerra. Assim, embora tenha sido exposta às ideias de Ayer, Anscombe se formou num ambiente em que havia outras perspectivas sobre a metafísica e a ética e que sustentavam críticas às limitações das ideias da moda. A preocupação com a ética, por exemplo, permaneceu com a filósofa.

Como explica Nakano, uma das motivações para Anscombe escrever *Intenção* surgiu de sua veemente discordância da concessão de uma honraria por parte da Universidade de Oxford a Harry Truman em 1956. Anscombe era contra honrar o autor dos massacres causados pelas bombas atômicas detonadas pelos EUA. Na universidade, parecia para a filósofa que um dos entendimentos era de que Truman não podia ser responsabilizado pelas mortes em Hiroshima e

Nagasaki, porque ele havia apenas assinado um papel. A filósofa percebeu que era preciso esclarecer alguns pontos fundamentais sobre ações intencionais, por exemplo, que elas têm diversas descrições que dependem das circunstâncias da ação e que, portanto, Truman havia feito mais do que assinar um papel. Ele havia ordenado dois massacres. Nakano explica em detalhes a rejeição de Anscombe da sugestão de que matar milhares de inocentes não fosse a intenção de Truman.

O livro *Intenção* é uma das principais obras da filosofia do século XX, sendo uma das contribuições mais originais para a área e abrindo novos caminhos para o debate filosófico. O livro fundou a discussão sobre ações na contemporaneidade e evidenciou a importância dessa investigação de maneira tal que originou a própria área acadêmica da filosofia da ação. Obviamente filósofos e filósofas discutiram as ações humanas ao longo da história da filosofia, contudo, de modo geral, essas discussões eram adjacentes a outras preocupações filosóficas, por exemplo, a teorias da ética. Com *Intenção* surge o interesse pelas ações intencionais como objeto de pesquisa. A filosofia da ação é comumente tratada hoje como uma ramificação da filosofia da mente e embora dialogue diretamente com diversas outras áreas da filosofia, como a ética, a metafísica e a epistemologia, o interesse pelas ações intencionais – seus conceitos fundamentais, bem como a investigação a respeito das explicações de ações – segue preservado e é uma área com uma enorme quantidade de registros atualmente no Philpapers.

Para além do *Intenção*, o legado de Anscombe inclui também o seu famoso artigo “A filosofia moral moderna” (2010 [1958]), que teve grande impacto e repercussão no século XX e é creditado com ter reacendido o interesse pela ética das virtudes aristotélica na contemporaneidade. Ela escreveu também muitos outros artigos em diversas áreas da filosofia, sobre a causação, sobre a ação humana, sobre a primeira pessoa (ela tem um renomado artigo sobre o tema, “The first person” (1981g [1975])), sobre a percepção, tema de seu interesse desde a juventude, e sobre a filosofia moral, dentre outros. É notório que em algumas discussões filosóficas Anscombe defendeu posições controversas, por exemplo, contrárias ao aborto e à eutanásia. Nesse sentido, é importante lembrar que ela era uma católica devota.

Na filosofia da ação, é amplamente reconhecido que *Intenção* foi um marco para a área, embora, curiosamente, a maneira pela qual Anscombe concebeu a discussão e a sua proposta teórica não tenha tido grande influência nas teorias da filosofia da ação. Talvez isso se deva à densidade da discussão, que dificulta a compreensão, ou ao seu método próprio. Além disso, é possível que grande parte dos filósofos da ação tenham aceitado que a proposta de Anscombe não satisfaz o desafio de Donald Davidson, que consiste em demandar que não causalistas, dentre os quais Anscombe é comumente incluída, apresentem uma explicação da ação em que as razões para agir do agente não sejam a causa da ação intencional. O entendimento comum na filosofia da ação é de que o desafio não foi respondido

adequadamente, o que talvez tenha contribuído para que o *Intenção* recebesse menos atenção do que lhe é devido. Contudo, considero questionável se o desafio sequer faz sentido à luz das ideias apresentadas no *Intenção*. Outrossim, não se pode desprezar a longa história da invisibilização das filósofas na tradição filosófica. Portanto, não é de se espantar que uma pensadora com a clara relevância filosófica de Anscombe não tenha tido a recepção que sua obra merecia.

No Brasil, o distanciamento da obra da filósofa parece ainda maior, apesar da sua importância. Felizmente, seu livro clássico *Intenção* foi finalmente publicado em português em 2023, ainda que com grande atraso. A publicação dessa tradução de Anderson Nakano torna o livro mais acessível no país, possibilitando a exposição da proposta defendida nele. Mas muitos outros textos ainda precisam ser traduzidos, lidos e estudados entre nós. Ainda não é fácil encontrar textos filosóficos produzidos no Brasil que tomem a filosofia de Anscombe como tema ou referencial teórico. Em vista disso, a interpretação cuidadosa e refinada desenvolvida por Nakano neste livro é um sopro de frescor e uma inestimável contribuição neste cenário árido da recepção da filosofia de G. E. M. Anscombe no Brasil. Trata-se de uma leitura obrigatória e reveladora para quem visa compreender as ideias expostas no *Intenção* e os desdobramentos da filosofia contemporânea que se desenvolveram a partir dessas posições filosóficas de Anscombe.

Ao explorar alguns pontos chave do livro, Nakano produz uma contribuição de peso para a compreensão

do *Intenção* e para a difusão da filosofia de Anscombe no Brasil. Um ponto notório da investigação é o seu apoio em outras obras da filósofa, em especial, no artigo “Eventos na mente”, traduzido ao final do livro. O destaque para o artigo mencionado contribui para a compreensão da crítica de Anscombe à psicologia cartesiana, sendo essa uma contribuição significativa de Nakano para a interpretação do *Intenção* e que ajuda a esclarecer a sutil argumentação da filósofa no livro. É um privilégio para a filosofia no país receber o resultado dessa investigação em primeira mão, em português.

Antes de avançar na discussão do livro, no primeiro capítulo, Nakano oferece uma cuidadosa contextualização dos temas da ética, assim como dos eventos da época que motivaram Anscombe a escrever o livro, deixando clara a centralidade de conhecer a insatisfação da filósofa com as teorias da ética em voga no tempo para entender o seu projeto. Ele evidencia que Anscombe visa dar destaque às consequências intencionais de ações para mostrar a relevância da ação intencional e que, igualmente, ela almeja criticar casos em que o agente relata a intenção com a qual agiu como se pudessem determiná-la por um ato interno.

Com muita clareza, Nakano estrutura a discussão com base numa discordância de Anscombe com como a filosofia da psicologia cartesiana marca a assimetria entre verbos psicológicos na primeira pessoa e na terceira pessoa em afirmações no presente do indicativo. Tal assimetria permitiria pensar que os agentes têm acesso privilegiado à sua intenção e que caberia a eles

direcioná-la (mentalmente) para uma consequência da ação. Anscombe se opunha a essa maneira de tratar as intenções. Na exposição desse ponto crucial de discordância com Descartes, Nakano elucida que o projeto de Anscombe visa explicar a assimetria entre os verbos psicológicos em primeira e em terceira pessoa sem recorrer ao acesso privilegiado cartesiano. Com habilidade e uma prosa fluida, ele expõe o percurso desse projeto.

No segundo capítulo, Nakano diferencia oito partes do livro e elucida pontos importantes para a compreensão de cada uma delas, com destaque para a discussão sobre o conhecimento não observacional e a relação do raciocínio prático com a intenção. A explicação sobre o conhecimento não observacional baseado no raciocínio prático é fundamental para mostrar como ações intencionais podem ser descritas de maneira ampla. As descrições se encaixam numa ordem teleológica, em que são descritos os meios para chegar ao fim do agente. Assim, fica claro de que modo as circunstâncias são relevantes nas descrições da ação. Nakano conecta esse ponto a um dos temas centrais do projeto de Anscombe, a saber, que a aplicação do conceito limita a autoridade do agente (a primeira pessoa) para indicar qual é, ou qual foi, a sua intenção, já que o conceito é aplicado nessa estrutura teleológica, que precisa ser inteligível para seus interlocutores.

Um dos pontos que me parece particularmente esclarecedor surge no terceiro capítulo, quando Nakano discute que Anscombe reconhece que há casos em que apenas o agente parece poder dizer qual foi sua inten-



ção. Recorrendo novamente a “Eventos na mente”, Nakano elucida um ponto de difícil compreensão na proposta de Anscombe. Ele lembra que, segundo a filósofa, às vezes as palavras dão o significado de um pensamento. Assim, faz sentido que em alguns casos só o agente possa interpretar o que fez ou a situação. Nakano conclui que nesses casos o agente revela algo sobre si, o que não é o mesmo que relatar um estado interno.

A filosofia de Anscombe merecia um guia em português para o *Intenção* nesse nível de esmero. Acredito que este livro despertará o interesse na filósofa e que será um estímulo para pesquisas vindouras que contribuirão para um cenário mais receptivo à sua obra.

Beatriz SORRENTINO MARQUES (UFMT)

Para continuar a leitura compre seu exemplar pelo e-mail  
[vendas@scientiaestudia.org.br](mailto:vendas@scientiaestudia.org.br)

## ÍNDICE DE TERMOS

### A

- Abuso, 27, 31, 42-4, 56, 71-2,  
74, 101, 129-30,  
133
- Acesso, 17-8, 53-4, 56, 79,  
101, 141
- Ação intencional, 15, 23, 28,  
41, 55, 71, 73-8,  
80-2, 84-6, 88-92,  
96, 99, 101-2, 105,  
109-11, 116, 124-5,  
129, 131-2
- Assassínio, 28-30, 34, 40-1,  
73, 98
- Assimetria, 17-8, 49-50, 53,  
55-6, 66-7, 79,  
100-1, 103, 151
- Ato  
mental, 42-3, 47, 72-3  
interior, 44, 129-32
- Autoridade, 18, 24-6, 55, 77,  
87, 101, 105, 113,  
115-6, 141
- ### C
- Cadeia, 71, 73, 86, 88, 1-1-2,  
116, 124
- Capacidade  
de dizer, 66-7  
de raciocinar, 24, 104
- Caracterização de  
desejabilidade,  
95-6
- Causa/Causalidade, 15, 27, 30,  
41, 44, 56, 61-66,  
68, 71, 82, 84-5,  
99, 126, 133
- Causa(lidade) mental, 61-2,  
68, 84
- Circunstância, 14, 18, 55, 64,  
83, 85, 87-9, 91,  
107, 111, 117, 123,  
125, 130
- Competência, 66-7
- Comportamento, 25, 54, 75,  
122, 139
- Comunicação, 106-7, 152
- Conceito de intenção, 23-6,  
44, 46, 56, 71-2,  
74-6, 78, 85, 102-  
4, 141
- Conhecimento  
agencial, 69, 91, 96-7  
não observacional, 18,  
61-2, 66-8, 71-4,  
89-90, 96  
observacional, 67, 90-2  
prático, 68-9, 90-1-2  
proprioceptivo, 59-60,  
89, 91  
teórico, 92, 98
- Consciência, 57, 61, 65-6, 72,  
148, 150
- Consequência  
acidental, 30, 41-2, 117  
intencional, 17, 32-4, 41-  
2, 72, 117

- meramente prevista, 32-4,  
40-1, 72  
prevista, 41, 44, 72
- Consequencialismo/  
Consequencialista,  
27, 32-9, 44
- Contágio semântico, 40
- Condição de inteligibilidade,  
24, 72, 104, 112-3,  
123, 129
- Conteúdo de experiência, 51-  
3, 55-7, 59, 79, 101,  
116, 152-3, 156
- Corrupção, 31, 43
- Crença, 50, 53-4, 67, 77, 92,  
100, 104, 112,  
156-7
- Critério, 59, 80, 82, 127-8,  
134, 139
- D**
- Descrição, 23, 28, 54-5, 58-9,  
71, 74, 76-7, 79, 81-  
4, 87, 89-92, 98-9,  
101-2, 105-6, 120,  
123-5, 130, 137,  
152-3, 155-6
- Desejo, 11, 46, 80, 93, 118
- Duplo efeito, 27, 30-2, 40-4,  
56, 71, 74, 117, 129-  
30, 133
- E**
- Efeito  
acidental, 84  
intencional, 30
- Eficácia, 63, 65
- Emoção, 80
- Empirismo/empirista, 53,  
57, 63
- Episódio mental, 24-5, 115,  
118, 128
- Epistemologia, 14, 27, 53, 57
- Erro  
teórico, 92-3  
prático, 92, 94, 98
- Estado interno, 19, 48, 116,  
129, 132, 134-5,  
137, 139, 152
- Estrutura (cadeia, ordem,  
trama) teleológica,  
18, 73, 86, 97, 102,  
116-7, 122, 124, 129
- Ética, 12-5, 17, 22, 27, 32, 36-  
7, 39-42, 44, 46,  
72, 95, 108
- Evidência, 65
- Experiência, 27, 51-7, 59, 63-  
6, 72, 100, 116, 137,  
140, 146-7, 149,  
152-4, 156-7
- Explicação, 15, 18, 22, 24, 15-  
6, 46, 62, 65, 77,  
126, 128, 139, 143,  
146, 154
- Expressão,  
convencional, 80  
de intenção, 54, 74, 76-7,  
79-80, 85, 99-100,  
102, 110-1, 137  
da memória, 155  
de pensamento, 135, 139,  
152  
natural, 80  
subjettiva, 13

**F**

- Filosofia  
 da ação, 14-5, 21-3  
 da linguagem, 12  
 da mente, 53  
 da psicologia, 27, 47, 59  
 moral, 32, 35-7, 46  
 Forma de descrição, 82  
 Fundamento, 49-50, 67, 100,  
 150-1

**G**

- Guerra, 11-3, 27-9, 31, 34-  
 6, 38-41, 43, 55,  
 153-4

**H**

- Hábito, 43, 64, 95

**I**

- Ideia, 51-4, 57, 151-2  
 Incompatibilidade, 122  
 Inocente, 14, 27-31, 34, 39-  
 41, 43-4, 55, 73,  
 129  
 Inteligibilidade  
 condições, 24, 41, 71-2, 104,  
 109, 112-3, 123, 129  
 limite, 106-7, 111  
 Intenção  
 ao agir, 76, 78, 83-4, 86,  
 88-9, 96-7, 100-1,  
 111, 113  
 direção de, 43  
 Involuntário, 68, 81, 84

**J**

- Justificação, 61, 91-2, 100,  
 135, 151

**L**

- Linguagem, 13, 23-4, 57, 104-  
 4, 107-8, 135-6,  
 141, 143, 154-5

**M**

- Meios-fins, 18, 55, 71, 73, 88,  
 94, 96-7, 102, 112-  
 3, 116-7, 120, 124,  
 129-30, 139  
 Mentalismo/mentalista, 24,  
 43, 46, 80, 115-6,  
 118-9, 125, 128-9,  
 132-4, 141  
 Mente, 38, 44-6, 48, 51-3, 97,  
 117, 143-56  
 Motivo, 35, 41, 65, 82-5, 101

**O**

- Objetivo, 22, 35, 72-3, 88, 96,  
 98, 100, 117

**P**

- Pacifismo, 39  
 Pensamento, 19, 48, 52, 54,  
 57, 61-2, 68, 115,  
 125, 131-9, 144-50,  
 152-5, 157  
 Pensamento católico/não  
 católico, 27, 31,  
 Prazer, 46, 48, 95  
 Predição, 79-80, 99, 102  
 Pressuposto, 53, 62, 92  
 Primeira pessoa, 15, 17-8, 25-6,  
 41, 49-51, 53, 56,  
 66-7, 74, 77, 79, 87,  
 100-1, 103, 113, 115-  
 6, 141, 150-1  
 Proibição, 30, 34

Propriocepção, 27, 56, 60-1,  
68

Psicologia  
  associacionista, 53  
  cartesiana, 17, 24, 27, 44,  
  46-7, 53-7, 59,  
  61-2, 66, 72, 116,  
  134-5

## Q

Querer, 48, 51, 54, 93-5, 99-  
100, 102, 108, 110-  
1, 117, 151-2

Questão

  “para quê”, 95, 113  
  “por quê?”, 71, 84-8, 97-  
  9, 101-2, 106-7,  
  109-10, 120, 123,  
  132

## R

Raciocínio

  prático, 18, 26, 69, 71-2,  
  78, 92-4, 96-8,  
  100, 102, 104-5,  
  107-8, 111-2, 115,  
  117-9, 121-6, 130,  
  139

  teórico, 93-4, 96, 98

Razão prática/para agir, 24,  
  41, 49, 71, 81, 85-6,  
  97, 99, 101, 104,  
  109, 111-2, 125,  
  148, 150

Regra gramatical, 72, 103

Responsabilidade, 32, 124

## S

Sensação, 49, 51-3, 57-9, 63,  
  65, 93, 150

Série A-D, 88-9, 119-21, 125

Significação, 80, 116, 135, 137

Significado, 19, 26, 51, 78, 133,  
  136-9, 145-7, 149

Silogismo prático

(ver “Raciocínio prático”), 92

Simonia, 30, 43

Sinceridade, 115, 122-3, 126-8

## T

Taxonomia, 27, 70

Terceira pessoa, 18, 25, 49-51,  
  53-4, 56, 66-7, 71,  
  79, 100, 103, 115,  
  117, 150-1

Teoria filosófica, 60, 65, 74,  
  103, 141

Tradição analítica, 21-2

## U

Unidade, 71, 75-6, 78

## V

Verbo psicológico, 17-8, 48,  
  50, 52-3, 56, 66-7,  
  79, 103, 150

Verdade, 50, 53-4, 79, 83,  
  90-1, 92-3, 105,  
  114, 117, 122, 125,  
  139-41, 151, 155

Voluntário, 62, 81, 125, 135

Vontade, 42, 47, 104, 111, 150

## ÍNDICE DE NOMES

### A

Aristóteles, 21, 92-3

### B

Brandom, R., 21

### C

Cottingham, J., 48

Cremaschi, S., 30

Crystal Palace, 49, 150

### D

Davidson, D., 15, 21

Descartes, R., 18, 47-8, 51-2,  
56, 137, 149-51, 157

Descombes, V., 67

Diamond, C., 32

### F

Fogelin, R., 66

### G

Geach, P., 11, 48, 52

### H

Hacking, I., 40

Hare, R., 31, 33

Hiroshima, 13, 28, 43 129

Hobbes, T., 51-2, 151

Hume, D., 53, 62-5

### J

James, W., 60

### K

Kennedy, J., 153-6

### L

Locke, J., 53

### M

McGinn, M., 77

Moore, G. E. 31, 52

### N

Nagasaki, 14, 28, 43 129

### P

Platão, 33

Prichard, H. A., 31-2

### R

Ross, W. D., 31

Ryle, G., 56

### S

Schwenkler, J., 91

Sidgwick, H., 31-2

### T

Truman, H., 13-4, 27-8, 31,  
34, 43, 55, 73-4,  
106, 129

### W

Wittgenstein, L., 11-2, 27,  
49-50, 54, 56-7,  
59-60, 66-7, 72,  
77, 80, 103-4, 107,  
140, 150



Esta obra foi editada e composta em Filosofia, no quente inverno de 2024, e impressa em papel pólen natural 80g/m<sup>2</sup> pela Eskenazi Indústria Gráfica.